GUARAPUAVA (PR): CONTRADIÇÕES SOCIOESPACIAIS DO AGRONEGÓCIO NA REGIÃO CENTRO-SUL DO PARANÁ

Afonso Muzzo Alves [1]
Karla Rosário Brumes[2]

[1] Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Guarapuava, Paraná – E-mail: muzzoalves@gmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1439-6467

[2] Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Guarapuava, Paraná – E-mail: kbrumes@hotmail.com
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9683-2922

INTRODUÇÃO

Historicamente, Guarapuava foi marcada por diversos processos de ocupação vinculados a ciclos econômicos, que contribuíram para moldar a estrutura social e, consequentemente, trazem reflexos ainda hoje no que se refere à posse e ao uso da terra, com base nas grandes propriedades rurais e na difusão do agronegócio. Esses processos impactaram e condicionaram o papel da cidade na rede urbana. O processo de organização socioespacial e econômica, voltado para atender à produção agropecuária (agrícola e pecuária), foi incentivado pelo Governo Federal e pelo Governo Estadual, que, na última década do século XX, disponibilizaram recursos para investimentos na agroindustrialização de Guarapuava (Ferreira, 2021).

Em escala nacional, a difusão do agronegócio no território brasileiro resultou na formação de novos arranjos territoriais produtivos extremamente especializados, em grande parte voltados à exportação, o que não é diferente quando analisamos o contexto de Guarapuava. Tais arranjos territoriais produtivos podem ser denominados também de regiões produtivas do agronegócio (Elias, 2022, 2024).

Em 2023 Guarapuava "era o município mais rico do Paraná no agronegócio"[1], de acordo com o Ministério da Agricultura, conferindo destaque à sua produção no cenário regional. Em 2023, a Região Sul do país teve o valor de produção agrícola de R$ 175,5 bilhões, enquanto o Paraná somou R$ 90,5 bilhões (figura 1). O município de Guarapuava registrou o maior valor de produção agrícola regional, gerando R$ 1,6 bilhão, tendo a soja como seu principal cultivo (IBGE, 2024). Considerando os dados destacados acima, o objetivo principal deste trabalho é responder se tal posição reflete em boas condições socioeconômicas para a população de Guarapuava e região, por meio de uma comparação com outras cidades em contextos regionais distintos no estado do Paraná.

[1] "*Guarapuava entre os municípios mais ricos do Brasil no agronegócio*". Disponível em: Guarapuava é o município mais rico do Paraná no agronegócio | RSN (redesuldenoticias.com.br).



Figura 1. Valor da produção agrícola, cinco principais produtos das Grandes Regiões e Unidades da Federação e Municípios com maiores valores de produção (destaque para Região Sul, Paraná e Guarapuava). Fonte: IBGE, 2024.

Com base na análise das informações e dos dados, apesar de os indicadores serem significativos na perspectiva econômica, Guarapuava apresenta diversas fragilidades e contradições, como vulnerabilidade socioeconômica e deficiência de infraestrutura. De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES), dentre os principais municípios do estado do Paraná, Guarapuava possui o menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), sendo de 0,731. Além disso, apresenta um dos maiores índices de analfabetismo, um dos menores quadros de média salarial e, no que se refere ao saneamento básico, 20% da população não está conectada à rede de esgoto.

De forma geral, os dados evidenciados confirmam que o desenvolvimento econômico do agronegócio em Guarapuava não configura uma distribuição de renda e de infraestrutura de forma igualitária, uma vez que o município apresenta um dos piores indicadores socioeconômicos quando comparado aos principais municípios do estado do Paraná.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho, foram realizados alguns procedimentos metodológicos, incluindo uma revisão bibliográfica, a fim de compreender melhor o processo de ocupação e formação socioespacial de Guarapuava, bem como um levantamento e análise documental, incluindo portais de notícias, diários oficiais, revistas e jornais, para identificar os processos econômicos e políticos que envolvem a reestruturação produtiva do agronegócio em Guarapuava.

Também foram consultados bancos de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), neste caso, foram utilizados dados secundários. Objetivando apurar indicadores socioeconômicos e de infraestrutura de Guarapuava e região.

Para responder ao objetivo do trabalho, um dos caminhos encontrados foi realizar um estudo comparativo de alguns indicadores socioeconômicos, comparando Guarapuava, “a cidade mais rica do agro”, com algumas das cidades mais importantes do estado do Paraná. Optou-se pelo recorte de cidades com população superior a 150 mil habitantes, a grande maioria delas com significativo papel regional em seus respectivos contextos socioespaciais.

O PAPEL DO ESTADO E A SELETIVIDADE DOS INVESTIMENTOS

Senna, Videira e Fajardo (2023) analisam a relação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) com a captação de recursos por distintas instituições e empresas. Em particular, examinam a atuação do banco no estado do Paraná, por meio do processo de financeirização do espaço geográfico, detalhando os investimentos realizados. Nesse estudo, constata-se quase um direcionamento exclusivo de recursos para uma única empresa, considerando o recorte da região Centro-Sul paranaense.

No estudo citado, o recorte temporal abrange o período de 2002 a 2023. Dos investimentos direcionados à Região Centro-Sul paranaense, apenas a Cooperativa Agrária[2] (com sede em Guarapuava) recebeu cerca de 98% das operações da região, totalizando R$ 681 milhões de um total de R$ 695 milhões.

Com exceção da Região Metropolitana de Curitiba e da região Norte-Central, o estudo revelou a predominância do direcionamento de recursos para grandes complexos agroindustriais em várias regiões, o que se traduz em concentração de investimentos e em carência de complexidade e diversidade econômica nas demais regiões do Paraná[3] (Senna, Videira e Fajardo, 2023), indo ao encontro das colocações de Lamoso (2020), ao apontar o processo de reprimarização da economia paranaense.

A agropecuária estrutura-se com base na formação de empresas monopolistas que controlam a produção agropecuária mundial, articulando-se por meio de dois processos territoriais: a territorialização dos monopólios e a monopolização do território (Oliveira, 2016). Essa efetivação ocorre entre as próprias empresas, com a fusão e/ou parceria de grandes corporações nacionais e transnacionais, mas também com a participação fundamental do Estado, seja pela não realização da reforma agrária, seja por meio de investimentos públicos (como a atuação do BNDES) e de incentivos fiscais. Ou seja, no que se refere à atuação do Estado, suas ações foram e continuam sendo imprescindíveis para a difusão do agronegócio no país, contrariando o discurso do Estado mínimo (Elias, 2023, p. 4-5).

GUARAPUAVA/PR: A CIDADE MAIS RICA DO AGRONEGÓCIO, MAS

Para entender se o fato de Guarapuava ser “a cidade mais rica do Paraná no agronegócio” se traduz em desenvolvimento e melhores condições de vida para a população da cidade e da região, selecionamos as 11 cidades mais populosas do estado, incluindo a capital, Curitiba, visando à elaboração de um quadro comparativo. Selecionamos tais cidades considerando alguns critérios:

[2] Falar dos Suábios (principal grupo responsável pela Cooperativa Agrária) e da Cooperativa Agrária é importante para entender como se dá a representatividade do agronegócio em Guarapuava, sua importância e contradições. No entanto, historicamente, a riqueza produzida pela cooperativa nunca se reverteu num desenvolvimento concreto para a cidade como um todo. Em virtude de aspectos culturais, conservadores, esse grupo sempre buscou o isolamento entre os seus, permanecendo a riqueza gerada em grande parte no distrito onde se estabeleceram (Silva; Boschiero, 2017).

[3] “Mudar esse cenário implica voltar a atenção para setores atuais e vitais, como o de tecnologia avançada, especialmente o de semicondutores, algo que as grandes potências têm feito recentemente. Essa direção poderia trazer mais equilíbrio e diversidade para os investimentos do Banco. A indústria brasileira necessita passar por uma transformação, visando uma maior complexidade produtiva e diversificação econômica, não se limitando apenas aos setores primários, como a produção de grãos. Essa transição industrial deve ocorrer com a participação ativa do Estado, por meio da atuação do BNDES, assumindo um papel de liderança nesse processo, assim como ocorre em economias centrais.” (Senna; Videira, e Fajardo, 2023,p. 27263).

primeiro, por concentrarem grande parte da população do estado[4] (cerca de 41%) e por serem as únicas cidades com mais de 150 mil habitantes, de acordo com o Censo de 2022; segundo, pela capacidade de centralidade interurbana em seus respectivos contextos socioespaciais, principalmente as Capitais Regionais, pela função de intermediação interurbana mais complexa na rede urbana (todas foram incluídas na comparação). Duas são classificadas como Centros Sub-Regionais, incluindo Guarapuava. E, por fim, São José dos Pinhais, Colombo e Araucária, municípios conurbados e com forte integração com Curitiba, integrando o Arranjo Populacional de Curitiba (AP Curitiba/PR), segundo a REGIC.

Selecionamos alguns indicadores socioeconômicos e de infraestrutura/saneamento importantes para compreender o grau de desenvolvimento das cidades mais populosas do Paraná, como: porcentagem da população alfabetizada, mortalidade infantil, porcentagem da população conectada à rede de esgoto, salário médio e Índice de Desenvolvimento Humano (IDH).

Em relação à porcentagem de pessoas alfabetizadas, Guarapuava apresenta um dos menores índices, com 96,13%. Para efeito de comparação, Curitiba apresenta 98,5% da população alfabetizada; Maringá, 98,02%; e Ponta Grossa, 97,65%. Quando avaliamos a infraestrutura de saneamento, quase 20% da população de Guarapuava não está conectada à rede de esgoto, segundo dados do Censo de 2022, enquanto, em algumas cidades, a conexão ultrapassa 90%, como em Curitiba (97,17%), Maringá (95,05%) e Londrina (92,78%).

No que se refere ao salário médio mensal dos trabalhadores formais, novamente Guarapuava apresenta uma das menores médias no quadro comparativo (2,5 salários mínimos), à frente apenas de Toledo, Cascavel e Colombo. Em contrapartida, Curitiba, Araucária e São José dos Pinhais ultrapassam os três salários mínimos. Nesse caso, as três cidades fazem parte da Região Metropolitana de Curitiba, região com maior participação da indústria de transformação[5] (IPARDES, 2017).

Em relação à mortalidade infantil (óbitos por mil nascidos vivos), Guarapuava (9,24) apresenta resultados melhores, à frente de Londrina (11,77) e Ponta Grossa (12,44), por exemplo. No entanto, os dados mais preocupantes são referentes ao IDH. Guarapuava possui o pior índice no quadro comparativo entre as cidades com mais de 150 mil habitantes no estado (0,731). Para efeito de comparação: Curitiba (0,823), Maringá (0,808) e Cascavel (0,782).

Mais recentemente, como forma de atualização, no trabalho de Monteiro e Lautert (2023), a partir dos dados do último Censo, são discutidas dinâmicas recentes no Paraná, mais especificamente as dinâmicas demográficas e a variação populacional nos municípios paranaenses. Guarapuava é uma das únicas cidades do Centro-Sul a apresentar acréscimo populacional ao compararmos os dados demográficos de 2010 e 2022[6]. Com o intuito de verificar as causas das perdas populacionais, Monteiro e Lautert identificam uma "forte correlação entre as perdas populacionais e a característica agrária de muitos municípios (coincidindo com os municípios com os menores índices de desenvolvimento humano), possivelmente com o avanço da mecanização no campo" (2023, n. p.). Ou seja, podemos elencar a reestruturação produtiva da agropecuária como um dos principais fatores

[4] Segundo os dados do último Censo (2022) a população do Paraná é de 11.444.380. Distribuída em 399 municípios.
[5] Bragueto e Silva (2016, n.p) destacam que: "as desigualdades territoriais do desenvolvimento industrial paranaense estão vinculadas aos processos históricos da formação das condições gerais de produção [...]", condicionando expressiva desigualdade regional.
[6] No período 2010-2022, dos 399 municípios paranaenses, 172 apresentaram perdas de população que resultaram em diminuição total de 91.242 habitantes. Portanto, pode-se afirmar que o fenômeno da perda populacional afetou 43,11% dos municípios paranaenses, quase a metade. Tais municípios continham 1.504.918 hab em 2010, mas foram reduzidos a 1.413.676 hab em 2022. Eles representavam 14,41% da população do estado em 2010, mas caíram a 12,35% em 2022. (Monteiro; Lautert, 2023, n. p).

para o aumento da pobreza e das desigualdades socioespaciais e, consequentemente, para a perda populacional de territórios vulneráveis (Elias, 2024).

Os dados trabalhados por Monteiro e Lautert revelam que grande parte dos municípios do entorno de Guarapuava apresenta significativas demandas, o que explica a perda populacional. Em consonância, o IPARDES (2017) também enfatiza a carência dessa região ao classificá-la como uma das espacialidades socialmente críticas do estado do Paraná, no estudo intitulado "Os Vários Paranás".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo de Guarapuava no setor do agronegócio guarda uma série de contradições e desafios. Pelo próprio caráter do setor no território brasileiro como um todo, a difusão do agronegócio promove e acentua diversas desigualdades socioeconômicas, sem falar nos impactos ambientais.

Com base nos dados apresentados e discutidos neste trabalho, percebemos a seletividade do financiamento estatal, com o direcionamento de recursos públicos a uma grande cooperativa do setor. A posição de município mais rico no agronegócio não se traduz em desenvolvimento pleno para a cidade e para a região. Os dados demonstram que tanto Guarapuava (comparada com as demais cidades mais populosas do Paraná) quanto o seu contexto regional apresentam inúmeras carências socioeconômicas. Ou seja, a maior contradição está no fato de ser o município mais rico do agronegócio e apresentar os piores indicadores, especialmente quando comparado a outros municípios paranaenses.

REFERÊNCIAS

Bragueto, C. R., & Silva, L. E. (2016). Desigualdades regionais do crescimento industrial do estado do Paraná. *Confins: Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, (27).

Elias, D. (2022). Agronegócio globalizado e (re)estruturação urbano-regional no Brasil. *Revista de Geografia, 39*(2), 290–305. https://doi.org/10.51359/2238-6211.2022.254811

Elias, D. (2023). Formas-conteúdo e nós do agronegócio no Brasil: Reflexões para debate. *Geo UERJ*, (43). https://doi.org/10.12957/geouerj.2023.79073

Elias, D. (2024). Agronegócio e seletividade espacial: Uma região produtiva do agronegócio de frutas no semiárido. *Espaço Aberto, 14*, 57–76. https://doi.org/10.36403/espacoaberto.2024.61232

Ferreira, G. de S. (2021). *Mobilidade populacional em municípios pequenos na Região Imediata de Guarapuava/PR* (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual do Centro-Oeste).

Ferreira, S. C. (2011). A centralidade de Londrina, Maringá, Cascavel, Ponta Grossa e Guarapuava na rede urbana do Paraná. *Ra'e Ga: O Espaço Geográfico em Análise, 23*, 6–31.

Frederico, S. (2016). Economia política do território e as forças de dispersão e concentração no agronegócio brasileiro. *GEOgraphia, 17*(35), 68–94.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo demográfico 2010*. IBGE.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Regiões de influência das cidades – 2018*. IBGE.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Censo demográfico 2022*. IBGE.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). *Produção Agrícola Municipal 2023 – PAM* (Vol. 50, pp. 1–11). IBGE. https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=766

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2012). *Relação dos municípios do estado ordenados segundo as mesorregiões e as microrregiões*. IPARDES.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2017). *Os vários Paranás: As espacialidades socioeconômico-institucionais no período 2003–2015*. IPARDES.

Lamoso, L. P. (2020). Reprimarização no território brasileiro. *Espaço e Economia: Revista Brasileira de Geografia Econômica*, (19).

Monteiro, R. R., & Lautert, L. F. C. (2023). Demografia nos municípios paranaenses: Análise dos censos 1991 a 2022. *Confins: Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia*, (61).

Oliveira, A. U. (2016). *A mundialização da agricultura brasileira*. Iandé Editorial.

Oliveira, H. C. M. de, & SOARES, B. R. (2014). Cidade média: Apontamentos metodológicos e tipologia. *Caminhos de Geografia*, *15*(52), 119–133.

Senna, D. P., Videira, S. L., & Fajardo, S. (2023). O BNDES e a financeirização do espaço geográfico: Um estudo sobre os investimentos do banco no estado do Paraná. *Observatório de La Economía Latinoamericana*, *21*(12), 27245–27265. https://doi.org/10.55905/oelv21n12-203

Silva, M. Da, & Boschiero, G. A. (2017). Grupos de poder, segregação e cooperação: Os suábios do Danúbio em Guarapuava/PR. *Geo UERJ*, (31), 535–552.